

Veneno digital

WALCYR CARRASCO

Ilustrador: ADAMS CARVALHO

Veneno digital

© Walcyrr Carrasco, 2013 · www.walcyrrcarrasco.com.br

GERENTE EDITORIAL • Fabricio Waltrick
EDITORA ASSISTENTE • Carla Bitelli
ESTAGIÁRIO • Alexandre Cleaver
COLABORADORA • Lígia Azevedo
COORDENADORA DE REVISÃO • Ivany Picasso Batista
REVISORAS • Flávia Yacubian, Alessandra Miranda de Sá

ARTE

PROJETO GRÁFICO • Tecnopop (Marcelo Curvello, Felipe Kaizer)
COORDENADORA DE ARTE • Soraia Scarpa
ASSISTENTE DE ARTE • Thatiana Kalaes
ESTAGIÁRIA • Izabela Zucarelli
DIAGRAMAÇÃO • Balão Editorial

FONTES • FF Quadraat (Serif, Sans, Sans Condensed & Head),
de Fred Smeijers, editada pela FontShop em 1993

CIP-BRASIL – CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C299v

Carrasco, Walcyrr, 1951-
Veneno digital / Walcyrr Carrasco ; ilustração de Adams
Carvalho. - 1.ed. - São Paulo : Ática, 2013.
136p. : il. - (Sinal Aberto)

Contém suplemento de leitura
Inclui apêndice
ISBN 978-85-08-16114-0

1. Ficção infantojuvenil brasileira 2. Romance brasileiro.
I. Carvalho, Adams. II. Título. III. Série.

12-4990.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 16114-0 (aluno)

CL: 738275

CAE: 272487

2018

1ª edição

8ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática, 2013
Avenida das Nações Unidas, 7221 – CEP 05425-902 – São Paulo, SP
Atendimento ao cliente: 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



História de amor e rivalidade

Existem sonhos de todo tipo: ter mais dinheiro, seguir esta ou aquela profissão, viver uma grande história de amor... Mas será que **temos coragem** de ir atrás deles, de **enfrentar as dificuldades** que encontraremos no caminho? Será que vale qualquer coisa para alcançar nossos objetivos?

Camila, a protagonista deste livro, queria mais que tudo ser atriz. Foi preciso a vida da família mudar radicalmente para convencer os pais a deixá-la cursar teatro. Não imaginava quantas pessoas — **e tão diferentes!** — compartilhavam o sonho dela. Logo se sentiu intimidaada. E o pior, bastou entrar na sala de aula para virar alvo de comentários maldosos. Especialmente de Soraya, a menina mais talentosa do curso e namorada de Bruno, que tanto chamou a atenção de Camila.

Entre a **montagem de Romeu e Julieta** e a experiência da **primeira paixão**, Camila descobre que sonhos compartilhados podem, às vezes, transformar companheirismo e amizade em rivalidade. E podem também ter o efeito contrário: unir aqueles que não eram muito próximos.

É esta a história que ela nos conta, lembrando que **somos responsáveis por nossos atos** e que todos eles têm consequências — nem sempre reversíveis.

Não perca!

- Um caso de bullying virtual: as agressões que se estendem para o mundo digital.
- Por trás das cortinas: conheça um pouco mais sobre o universo das artes cênicas.
- Como Romeu e Julieta, o casal desta história precisa superar grandes obstáculos para viver seu amor.

PENAS AO VENTO

Há muito tempo, um homem caluniou o sábio local entre as pessoas da cidade. Mais tarde, o tagarela **arrependeu-se**. Deu-se conta do dano que causara e foi ao sábio pedir perdão.

— Estou disposto a fazer qualquer coisa para reparar o meu erro! — disse.

— Só tenho um pedido. Abra um travesseiro e espalhe as penas ao vento — respondeu o sábio.

Mesmo intrigado, o tagarela fez o que o sábio pediu. E foi procurá-lo novamente.

— Estou perdoado? — perguntou.

— Antes, vá e ajunte todas as penas — respondeu o sábio.

— Impossível! O vento já as espalhou.

— Reparar o dano causado por suas palavras é tão difícil quanto recolher as penas — concluiu o sábio.

A lição desse antigo conto judaico é clara: uma vez proferidas, as palavras não podem ser recuperadas. Talvez seja impossível sanar o mal que causaram. Ainda mais agora, com a internet, onde qualquer **maldade se espalha** ainda mais depressa que penas ao vento.

1

Escolhi o jeans mais velho. Camiseta branca e folgada. Jaqueta jeans rasgada nos cotovelos. Tênis no fim da linha. Tirei a correntinha de ouro com um pingo de brilhante de pingente, que ganhei da minha avó materna. Guardei numa caixinha da cômoda, onde também deixei meus anéis. Olhei no espelho: meus cabelos ainda estavam muito arrumados. Remexi os cabelos com a ponta dos dedos até ficarem desgrenhados. Em vez da bolsa de grife, ainda com jeito de nova, peguei uma mochila. Estava pronta! **Só faltava a parte mais difícil**: sair sem que minha mãe, Leda, percebesse.

Abri a porta do quarto com cuidado. Ouvi o ruído da televisão no quarto de meus pais. Andei rapidamente até a porta da sala. Tudo estava planejado. Do corredor gritaria:

— Estou indo, mãe!

Nem esperaria o elevador. Desceria correndo pelas escadas.

Deu errado. Quando botei a mão na maçaneta, mamãe saiu do quarto. Bem-arrumada, como sempre. Ainda com a roupa do emprego de secretária/recepcionista que havia conseguido recentemente. Vestia saia, blusa e colarzinho de pérolas.

— Camila, aonde vai vestida desse jeito?

Quis explicar. Era minha primeira aula do curso de teatro. Anteriormente, eu já participara de grupos amadores. Sempre mexiam comigo por eu ser a mais arrumadinha. Para falar a verdade, não me importava com as brincadeiras da turma do teatro. No meu antigo colégio, a maioria das garotas se vestia como eu.

Agora muita coisa tinha mudado na minha vida. Estávamos morando em outra cidade. De manhã eu frequentava um colégio, com uniforme obrigatório. E estava prestes a realizar o meu sonho. A duras penas meus pais tinham dado autorização para eu estudar na Escola Livre de Teatro, mantida pela prefeitura. Era um curso noturno. **Meu sonho sempre foi ser atriz!**

Queria ser bem-aceita pelos novos colegas, futuras atrizes e atores como eu. Durante a seleção, em que havia mais de trezentos candidatas, percebi que ninguém se vestia do meu jeito, com saia bem passada, blusa de rendinha e sapato de salto. Todos usavam roupas descoladas, camisetas, jeans e tênis. “Mamãe me veste como uma boneca!”, pensei. **Sempre tive vontade de me arrumar do meu jeito, ter uma aparência mais descontraída.** Principalmente agora, na turma do teatro. Não queria parecer diferente dos outros alunos. Como explicar isso para a mamãe sem magoá-la?

Não tive chance de abrir a boca:

— Vai para a selva, Camila? Disfarçada de onça brava, com esses cabelos desgrenhados?

Ainda tentei:

— Mãe, eu não quero que me chamem de **patricinha...**

Ela me puxou para o sofá.

— Vamos conversar.

Olhei para o relógio. Precisava ir. Não queria me atrasar no primeiro dia de curso. Meu coração batia rápido. Era meu primeiro passo para ser atriz!

— A gente não pode falar depois?



— Camila, bota uma coisa na sua cabeça. Não é porque seu pai está ganhando menos que você vai se vestir mal. Filha minha não anda de camiseta velha e jeans esburacado.

— Mãe, não tem nada a ver com a grana. É moda se vestir assim, do jeito que estou!

— É puro mau gosto. Eu não sei onde minha cunhada estava com a cabeça quando deu esse jeans de Natal pra você!

Pobre tia! Ela me perguntou o que eu queria de presente. Só quis me agradar! Pedi o jeans rasgado. Mãe nunca me deixava comprar, dizendo: “A troco do quê vou comprar roupa rasgada, com jeito de velha?”.

Consegui ganhar de presente, mas nunca podia usar.

Mamãe continuou:

— É moda para quem não sabe se vestir. Ainda vou jogar isso fora! Essa jaqueta também! Você só comprou porque adoçou seu pai!

— É a minha preferida.

— Também não vai sair com os cabelos desse jeito.

Desisti de argumentar. Se prolongasse a conversa, perderia a aula. Voltamos para o quarto. Topei me trocar. Coloquei uma saia comprida que parecia roupa de velha. Uma blusa branca com bordado também branco na frente. E sandálias envernizadas de salto baixo. Devolvi a mochila. Peguei a bolsa de grife. Mamãe me avaliou:

— E a correntinha com pingente?

— Mãe, vou chegar atrasada!

— Sempre usa a correntinha, **o que deu em você agora?**

Em seguida, escovou rapidamente meus cabelos e fez um rabo de cavalo. Corri para a porta. A noite caía. Tinha pouquíssimo tempo para chegar. Mamãe abriu a bolsa e me deu algumas notas.

— Pegue um táxi.

— Mãe, não temos dinheiro para ficar gastando com táxi!

Ela reagiu, ofendida:

— Agora também comecei a trabalhar. Depois economizamos em outra coisa. **Quero que chegue linda e bem-arrumada para causar boa impressão** no seu primeiro dia de aula!

Desceu comigo e fez sinal para um táxi. Enquanto eu entrava, debruçou-se na janela do passageiro e avisou:

— Cuide bem da minha filha!

Eu me senti péssima. Mamãe sempre dizia: “Você é minha bonequinha”. Era como eu me sentia, uma boneca! Já sabia: o pessoal da escola de teatro ia me apelidar de “patricinha”.

Ser patricinha era uma qualidade no colégio particular onde eu havia estudado até o ano anterior. A maior parte das alunas se vestia com roupas de grife, usava bolsas importadas e joias de verdade. Muitas garotas passavam tardes inteiras no cabeleireiro fazendo luzes, escova e unhas. Algumas mais velhas já tinham feito até plástica. E se divertiam quando eram chamadas de patricinha. Eu nunca fui tão vaidosa quanto elas. Depois dos grupos

amadores de teatro, onde todo mundo era mais descolado, tentei mudar o jeito de me vestir. Mamãe impediu. Nunca me deixava comprar as roupas que eu queria. **Enchia meu armário de vestidos, saias, meias, echarpes, blusas.** Gastava fortunas em roupas para mim. E também para ela mesma. Vou dizer a verdade: mamãe passava a maior parte do tempo com as amigas fazendo compras no shopping. Ou no cabeleireiro, na esteticista. Às vezes, brincando, mamãe dizia para as amigas:

— Eu adoro ser perua!

Quando eu dizia que pretendia ser atriz, ela respondia:

— Tira isso da cabeça!

Eu teimava:

— É o meu sonho!

Mamãe era completamente contra. Queria que eu fizesse uma faculdade. E que eu me casasse bem, com um bom rapaz. De preferência rico!

— Eu não sou moderna! Criei minha filha pra casar! — avisava.

Há dois anos nossa vida mudou. Meu pai, Antônio, era vice-presidente de um grande banco. De uma hora pra outra, perdeu o emprego. Não foi acusado de incompetência. Eu não entendo muito do mundo dos negócios. Mas sei que houve uma fusão entre o banco onde meu pai trabalhava e outro, maior. De repente, para cada cargo havia duas pessoas. Resolveram manter a diretoria do banco comprador. Quando papai chegou em casa e deu a notícia, ninguém se preocupou.

— Logo você arruma outro emprego, até melhor — disse mamãe.

Papai também estava convencido disso.

— Tenho mais de vinte anos de experiência na área financeira. Vai ser fácil encontrar uma colocação.

Nossa família **continuou gastando** como na época das vacas gordas. Morávamos em um apartamento de quatro dormitórios em um prédio luxuoso de São Paulo, com academia de ginástica e piscina. Eu estudava em um colégio com uma das mensalidades mais altas da cidade. Minha mãe continuou indo aos shoppings com as amigas e também lotando nossos armários de roupas, sapatos e bolsas de grife. Uma cozinheira e uma arrumadeira cuidavam do dia a dia. Tínhamos um apartamento no Guarujá, pertinho

do mar. Íamos para lá quase todo fim de semana. Mesmo sem emprego, na praia, papai sempre nos levava a ótimos restaurantes, sem economizar nos camarões, peixes e frutos do mar. Mamãe tinha diploma universitário, mas não trabalhava desde que nasci. De uma hora para outra, o dinheiro não entrava, só saía.

Papai demorou a cair na realidade. Primeiro, as poucas economias no banco desapareceram. O dinheiro que recebeu na rescisão do emprego (e era uma boa quantia!) evaporou. Depois de uns seis meses, soou o alarme! Papai descobriu que só tinha o suficiente para cobrir as despesas mínimas do mês seguinte. Para seu horror, nem sobrava para pagar meu colégio! Pior ainda, mamãe não queria cair na real. Nunca vou esquecer as discussões.

— Você recebeu tanto quando saiu do emprego! **Onde foi parar todo aquele dinheiro?** — espantava-se ela.

Papai mostrava as contas:

— As despesas continuaram altas. Olha só o que você gastou no cabeleireiro.

— Quer que eu ande como uma palhaça?

Durante dois meses, papai fez empréstimos no banco para nos manter. Ainda acreditava que encontraria um novo emprego de uma hora para outra. Fazia entrevistas, duas ou três por semana.

— Quando arrumar um trabalho do meu nível, a gente sai do sufoco em um mês!

Mas nunca era escolhido para a vaga. Com juros altíssimos, a dívida aumentava sem parar. O banco se recusou a dar novos empréstimos. **Papai baixou suas expectativas.** Procurou as agências de emprego (ele falava em *headhunters*, como se faz entre altos executivos). Avisou que aceitaria qualquer oportunidade, mesmo um cargo menos importante, com salário menor. Mesmo assim não apareceu nada. Um dia desabafou, decepcionado:

— Estou em plena forma. Mas me acham velho! E nem fiz cinquenta anos!

Fez mais entrevistas, disputou outras vagas. Mas não queriam contratá-lo por ter um nível muito acima do pedido.

— Argumentam que sou qualificado demais para o cargo. Que vou me frustrar.

Só havia uma alternativa: recorrer à família.

Minha avó materna, Lyris, viúva, era considerada rica. Vivia em um casarão. Tinha propriedades. Mas nunca se deu com meu pai, que vinha de uma família humilde.

Foi então a seus pais que ele recorreu em primeiro lugar. Viviam no interior de São Paulo, em uma casa pequena. Meus avós paternos eram funcionários públicos aposentados. Dinheiro não tinham para emprestar.

— Venham morar com a gente! — convidou vovó.

Mamãe foi contra.

— **Não vai dar certo.** Sua irmã já vive com eles. Não cabe-mos naquela casinha!

Era verdade. Minha tia Alda, divorciada, abrigara-se na casa de meus avós para diminuir as despesas. Tinha um filho pequeno! O espaço estava apertado. Papai agradeceu, mas recusou. Mesmo porque voltar a depender dos pais depois de adulto, casado e com uma filha seria admitir a derrota.

O jeito foi recorrer aos meus tios, irmãos de mamãe. Eram médicos de sucesso. **Os dois se espantaram com nossa situação.** Não tinham a menor ideia do que se passava. O mais velho, cardiologista, emprestou o suficiente para as despesas imediatas. Ao menos meu colégio ficou em dia! Mesmo assim, foi preciso vender o apartamento, porque as dívidas com o banco não paravam de crescer. Devido à pressa, foi arrematado por um preço bem menor do que valia. Mas o comprador aceitou pagar os condomínios e impostos atrasados. O apartamento do Guarujá também foi embora. Ainda assim **sobrou muito menos** do que papai esperava.

Apesar da crise, mamãe ainda teimava:

— Você podia ter esperado para vender o apartamento, Antônio! Onde vamos morar agora? Por que não consegue emprego, se tem tanta experiência?

Papai silenciava, amargurado. Para ele, a falta de dinheiro era uma humilhação.

Quem finalmente encontrou uma saída foi o tio Celso, irmão mais novo da mamãe. Dermatologista, tinha uma clínica de estéti-

ca bem movimentada, onde algumas clientes esperavam meses para marcar consulta. Um de seus amigos estava montando uma clínica semelhante em uma cidade grande e bem desenvolvida próxima a São Paulo. Meu tio pediu uma chance para papai, que foi contratado como administrador. O salário era muito menor que o de seu antigo emprego no banco. **Quando eu digo muito menor, bota menor nisso!** E teríamos que mudar para a cidade, que concentrava muitas indústrias e na prática era ligada a São Paulo. É o que chamam de cidade-satélite. Mesmo assim mamãe foi contra:

— Não quero morar longe! Você vai arrumar coisa melhor!

Papai foi firme:

— Não podemos viver de empréstimos. Nem temos mais onde morar. Esqueceu que vamos entregar o apartamento?

O dinheiro que sobrou foi suficiente para comprar um apartamento de dois quartos na nova cidade, em um bairro de classe média. Em um prédio bonito, mas **sem luxo**.

— É uma caixa de fósforos de tão pequeno! — reclamou mamãe.

Eu olhava para meu pai e ficava triste. Parecia tão angustiado! Não suportava mais tanta discussão, tanto desespero por causa de dinheiro! Tentei animar mamãe:

— O apartamento vai ficar lindo! A gente vai deixar bem-arrumadinho!

— Mas o que minhas amigas vão dizer?

Pobre mamãe! Não devia ter se preocupado. Quando ficou sem grana para ir ao shopping, ao cabeleireiro caro, foi automaticamente excluída do círculo que frequentava. Como não podia participar das tardes de compras, dos jantarzinhos, as amigas foram se afastando. Só sobrou uma, Fanny, sua colega desde os tempos de escola. Era diferente das outras: trabalhava, tinha feito carreira como jornalista. As duas não se viam com frequência: a rotina de uma era muito diferente da rotina da outra. Mas foi Fanny a única amiga que realmente sobrou. Também foi ela que convenceu mamãe, entre lágrimas e reclamações, a procurar um emprego. E ajudou a achar a vaga!

— Fui fazer uma reportagem em uma fábrica de bijuterias na sua nova cidade e soube que estão precisando de uma secretária!